

O Ciclo de Dona Mirtes

– Dona Mirtes, a senhora passou a noite na despensa de novo?

A idosa lançou um olhar confuso para a jovem parada na porta que acabara de se abrir. Com o cenho franzido para proteger os olhos da luz repentina, levou alguns instantes para se lembrar de quem se tratava.

– Mercedes, minha filha... – a voz saiu trêmula e rouca. – Que noite horrível, nem sei como vim parar aqui.

– Vem cá – a moça ofereceu a mão, prestativa. – Deixa eu ajudar a senhora.

A idosa aproveitou o auxílio para se colocar de pé. As pernas e as costas reclamaram do esforço após uma noite inteira dormindo no chão.

Juntas, saíram da despensa e caminharam pela cozinha, contornando a mesa de sucupira que dona Mirtes ganhara de presente de casamento há quase cinquenta anos.

– Agora passa uma água no corpo – disse a empregada doméstica ao se dirigir para o banheiro. – Depois a senhora se deita pra descansar. Na cama dessa vez, viu?

A idosa concordou com uma expressão vaga. No banheiro, Mercedes ofereceu-se para dar o banho e dona Mirtes foi categórica:

– Ninguém vai colocar a mão na minha bunda enquanto eu ainda conseguir me lavar, minha filha, obrigada.

A jovem se retirou e a idosa se despiu, permanecendo quase meia hora sob o chuveiro antes de se enrolar na toalha e ir para o quarto.

Dona Mirtes colocou um vestido florido de um verde vivo que estava no armário. Alcançou os óculos sobre a mesa de cabeceira e os ajustou no rosto de pele enrugada. Com a visão restaurada, penteou os cabelos grisalhos enquanto se olhava no espelho de corpo inteiro.

De volta à cozinha encontrou sua funcionária ao fogão. Mercedes preparava o café e usava o uniforme que dona Mirtes exigia: saia e blusa de um azul escuro, avental branco e um coque para prender os cabelos encaracolados. Era uma jovem esguia, de olhar atento, que sempre estava por perto para atender as necessidades da dona da casa.

– Passei um café – disse Mercedes. – Forte e com pouco açúcar, do jeito que a senhora gosta.

A velha puxou a cadeira com ruído e se sentou à mesa com o semblante fechado. Voltara a pensar com clareza apesar da cabeça que doía e tentava em vão se lembrar de como fora parar dentro da despensa.

O primeiro gole da bebida escura afastou o problema de sua mente e os olhos baços vasculharam a cozinha, atentos, a procura de afazeres.

– Ali, Mercedes – disse ao apontar com o dedo vacilante. – O armário está a pura poeira. Depois de lavar as vasilhas, passa um pano ali.

– Claro, dona Mirtes.

– E a máquina? Já acabou de bater a roupa?

– Vou olhar.

A velha ainda reparou em um vidro embaçado, mas voltou a atenção para o café certa de que sua funcionária já tinha tarefas o suficiente no momento. Se ainda tivesse a força de sua juventude, não precisaria ver outra pessoa cuidando do que era dela com tão pouco interesse. Sabia que Mercedes era uma boa moça, honesta e prestes a se casar, no entanto tinha certeza de que ninguém poderia cuidar da casa melhor que a própria dona.

A anciã comeu alguns biscoitos e esvaziou a xícara, colocando-a sobre a pia, ao lado das louças sujas. Foi para o quarto com passos lentos, devagar e sempre, como se acostumara há mais de uma década. Vivia só e sem pressa depois da morte do marido e do casamento do único filho, com todo o tempo para se preocupar apenas consigo, uma completa oposição aos últimos anos de vida do senhor Leopoldo.

“Que Deus o tenha” pensou ao se deitar na cama. A cabeça ainda doía e dormir um par de horas lhe faria bem.

Acordou com uma batida na porta.

– Dorna Mirtes, o almoço tá pronto.

A velha praguejou ao se sentar e fez outro esforço para se colocar de pé. A moça tentou ajudá-la, mas sua patroa logo a enxotou de um modo que só alguém que não se importa com mais nada poderia fazer.

Sentada à mesa, dona Mirtes observou o prato que Mercedes lhe servira: arroz, feijão, angu e frango com quiabo. Comeu sem entusiasmo, como tudo que fazia, e uma antiga questão voltou para assombrá-la: por que ainda vivia?

Pelo filho, claro. Apesar de homem feito, ainda precisava dela. Para que mesmo? Casou-se e foi embora, há quanto tempo não o via? É, parece que ele não precisava tanto assim.

O telefone a tirou de seus devaneios e quebrou a rotina monótona. Outrora um incômodo, agora a chance de fazer algo novo. Antes que pudesse se erguer, escutou Mercedes atendê-lo:

– Alô? Ah, sinto muito, ela tá almoçando agora. Claro, peço pra ligar de volta – e desligou.

– Quem era? – perguntou a idosa entre a decepção e a curiosidade.

– Um sujeito de uma seguradora. Nada importante, eu acho. Pode almoçar tranquila.

Dona Mirtes se voltou para o prato e terminou a refeição devagar, com a velocidade limitada pela indispensável dentadura. Depois do almoço distribuiu mais ordens: almoce, limpe a cozinha, lave o banheiro, arrume os quartos... e caminhou até a sala com seus passos curtos.

Passou os dedos ao longo da estante e ficou satisfeita ao vê-los limpos. Voltou sua atenção para os porta-retratos e não encontrou uma mancha sequer, permitindo-se meio sorriso. No maior deles havia uma foto do dia em que se casara, jovem, bela e com um longo vestido branco. Ao lado de sua versão mais nova, um homem de bigode farto e cabeleira escura ostentava um terno castanho com um cravo na lapela.

A idosa trouxe o porta-retratos para mais perto dos olhos fracos e analisou os detalhes. O mais importante e que despertava as mais fortes recordações era o anel que a noiva usava no dedo médio, ao lado da aliança. Uma bela peça de ouro polido com um grande ‘M’ sobre uma placa ovalada.

Dona Mirtes o buscou em sua memória e visualizou o anel seguro em um caixa de joias no armário de seu quarto. Decidida a rever a relíquia, deixou o porta-retratos em seu lugar, no entanto se deteve ao ver outra fotografia.

Ali estava um garoto com seus dez anos de idade, de short e camisa de malha, montado em uma bicicleta verde com o desenho de um raio.

As mãos enrugadas alcançaram aquele fragmento de memória materializada e os olhos nem piscavam ao encará-lo. Ali estava seu pequeno Bernardo em uma versão infantil que já apresentava todos os traços que definiriam o semblante do homem que se tornou.

A saudade do filho apertou outra vez e a idosa vasculhou suas lembranças em busca da última ocasião em que o vira. No entanto foi em vão, só se lembrava dele quando ainda vivia com os pais, antes do casamento.

Bernardo morava perto dali e mesmo assim as visitas eram raras o suficiente para que a mãe mal se lembrasse dele. Criara um ingrato.

– Olha, seu Bernardo criança – disse Mercedes ao se aproximar com um cesto de roupas nas mãos. – Era bonito desde novo. E inteligente o bichinho, não é à toa que conseguiu o emprego naquela empresa grande da capital.

– Que emprego? – dona Mirtes parecia confusa.

– Foi a senhora mesma que me contou, era alguma coisa na direção, não lembro direito. Também, não é pra menos, já faz quase dois anos que ele mudou pra lá com a dona Rute.

– Dois anos? Como assim, Mercedes? Outro dia mesmo ele tinha casado.

– O tempo voa, né?

A idosa encarou a jovem com os olhos ainda arregalados, processando a informação inédita do seu ponto de vista.

O toque estridente do telefone quebrou o silêncio. Mercedes colocou o cesto no chão e se dirigiu ao aparelho. A idosa a segurou pelo braço:

– Pode deixar que dessa vez eu atendo.

– Não é boa ideia, dona Mirtes – a empregada sorria. – Esqueceu que a senhora sempre faz uma confusão danada quando atende?

– Enquanto a gente estiver na minha casa eu faço as regras e você as segue. Agora sai pra lá que eu vou atender.

Mercedes cedeu frente ao argumento e deu passagem. A idosa caminhou até o telefone e o tirou do gancho.

– Alô? – disse uma voz familiar do outro lado da linha. – Mãe?

O coração de dona Mirtes parecia querer explodir no peito.

– Bernardo? Eu... – as palavras lhe fugiram.

– Nossa mãe... A senhora mal sai de casa e eu não consigo te encontrar de jeito nenhum.

– Que isso, filho. Faz tempo que espero notícias suas.

– Eu ligo, mas a empregada sempre fala que a senhora tá ocupada, parece até que tá me evitando. Sei que a Mercedes resolve tudo pra senhora, da limpeza à administração do dinheiro da pensão do papai, mas eu quero estar mais perto.

– Que história é essa? – dona Mirtes estava cada vez mais perplexa.

– Não se preocupe, não vou tomar muito do tempo da senhora. Só quero marcar uma visita para a senhora conhecer a Camila.

– Camila?

– É mãe, sua neta. Ela nasceu hoje.

As mãos de dona Mirtes tremeram a ponto de não conseguirem segurar o telefone. Sua memória não valia nada, como poderia não se lembrar de coisas tão importantes?

– Dona Mirtes – Mercedes a acudiu um instante antes da queda e a levou até o sofá. – O que aconteceu?

A velha se sentou com o corpo fraco e a respiração pesada. Molhou os lábios ressecados e segurou firme a mão de Mercedes, reparando na pele lisa e macia tão diferente da sua própria.

– Era o Bernardo – conseguiu dizer com esforço. – Ele falou uma porção de coisas que eu nem imaginava...

A idosa interrompeu a fala ao perceber um detalhe que a princípio lhe pareceu inconcebível. Havia um anel de ouro no dedo de Mercedes, uma peça cuja beleza enchia os olhos e que possuía um grande 'M' sobre uma placa de forma oval.

– Onde você conseguiu esse anel? – dona Mirtes perguntou ao erguer a mão da outra.

– Ah, a senhora não se lembra, mas me perguntou isso outras vezes. Foi o João Paulo, meu noivo, que me deu.

– Mentira – a idosa se colocou de pé com os lábios crispados e os olhos em chamas. – Você pegou ele no meu quarto.

– Que isso, dona Mirtes, eu nunca faria uma coisa dessas. A senhora tá nervosa por causa da ligação. Vem cá, bebe uma água e deita um pouco que logo a senhora tá nova.

– Tira a mão de mim sua cobra – a idosa estava possessa. – Posso ter uma péssima memória, mas ainda estou bem lúcida. Meu filho disse que você cuida de tudo pra mim, até da pensão que o Leopoldo me deixou. Eu nunca colocaria meu suado dinheiro na mão de outra pessoa. E agora aí está meu anel, meu precioso anel. Foi você, que tanto fez até afastar meu filho de mim. Como você pôde?

Mercedes balbuciou umas poucas sílabas incompreensíveis e ficou em silêncio, as mãos retorcendo o avental. Em seguida, respirou fundo e endireitou o corpo:

– Tá bom, a senhora merece saber a verdade.

– Então desembucha.

– Não aqui... precisamos ir à despensa pra senhora entender tudo.

Mercedes estendeu o braço, apontando o caminho, e dona Mirtes passou por ela com passos duros.

– Alguns dias são mais complicados – disse a jovem ao longo do percurso. – A senhora acorda mais nostálgica ou o seu Bernardo insiste em ligar. Hoje foram os dois.

– Deixa de conversa fiada e explica logo.

– Assim que a gente estiver lá dentro – Mercedes apontou a entrada da despensa.

Dona Mirtes entrou no cubículo e um arrepio percorreu seu corpo. Sua memória, apesar de fraca, ainda guardava as lembranças horríveis da noite ali dentro.

– Tô aqui – disse a idosa. – Agora me explica.

Mercedes permaneceu parada na porta, uma silhueta escura recortada contra a luz que vinha da cozinha, com uma postura que se assemelhava à do carrasco prestes a aplicar a sentença.

– A senhora tá muito agitada – disse por fim. – E lembrou de coisas demais – pausa. – Outra noite na despensa vai te fazer bem.

Mercedes fechou a porta e girou a chave. Dona Mirtes avançou aflita e tentou em vão sair dali.

– O que diabos está fazendo? – a idosa esmurrava a porta com os braços mirrados. – Abre logo isso aqui.

– Vou abrir – concordou Mercedes. – Amanhã de manhã, quando eu chegar pra trabalhar. Agora tô de saída. Tenha uma ótima noite.

Dona Mirtes bradou desesperada e exigiu que sua funcionária voltasse para libertá-la, no entanto obteve apenas o silêncio como resposta.

Os minutos se arrastaram, mergulhando a idosa em uma agonia profunda. O coração parecia bater descompassado e a escuridão a enchia de medo. A garganta ficou seca de tanto gritar e sua voz se tornou apenas um sussurro.

Cansada, deixou o corpo cair no chão com a cabeça latejando, a um passo de explodir. Sua mente era uma confusão total onde passado, presente e imaginação se misturavam em sons e imagens desconexas.

Perdeu a noção do tempo e se acalmou à medida que suas energias chegavam ao fim. A memória em frangalhos não reteve os acontecimentos do dia e a idosa pegou no sono pouco antes dos primeiros raios de sol chegarem à casa, deitada no chão em uma posição pouco confortável.

Horas depois, sons de passos ecoaram pela casa e se fizeram mais próximos. A chave girou na fechadura e a porta se abriu com um leve ruído.

Dona Mirtes se esforçou para erguer a cabeça confusa e precisou se concentrar para reconhecer a figura de Mercedes parada à sua frente.

A jovem disse a mesma frase que sua patroa, mesmo sem saber, já ouvira dezenas de vezes:

– Dona Mirtes, a senhora passou a noite na despensa de novo?

Fim

Daniel Ornelas – 2220272